Representações sociais da violência de gênero por mulheres trans e suas repercussões emocionais

Autor(res)

Henika Priscila Lima Silva
Mariana Lopes Rios
Tatiana Gambarelli Sanches

Categoria do Trabalho

1

Instituição

FACULDADE PITÁGORAS DE MEDICINA DE EUNÁPOLIS

Introdução

A criação do SUS em 1988 representou um marco na consolidação da saúde como direito universal, mas ainda persistem desigualdades no atendimento a grupos vulnerabilizados, como a população trans. Apesar de avanços como a despatologização da transexualidade em 2018 e a implementação da Política Nacional de Saúde Integral LGBT, mulheres trans seguem enfrentando barreiras no acesso ao cuidado, marcadas por preconceito, exclusão e violências institucionais. A teoria das representações sociais permite compreender como crenças coletivas moldam atitudes discriminatórias, especialmente quando as identidades trans desafiam normas tradicionais de gênero.

Objetivo

Compreender os impactos da violência de gênero enfrentada por mulheres trans na atenção à saúde, com foco nas repercussões emocionais, a partir das representações sociais de estudantes de medicina e enfermagem.

Material e Métodos

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, sendo fundamentada na Teoria das Representações Sociais, a qual permite compreender como os significados são produzidos e compartilhados socialmente entre os indivíduos.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 22 estudantes da área da saúde, no município de Eunápolis, Bahia, além da caracterização sociodemográfica dos participantes. Os dados textuais resultantes das entrevistas foram processados no software IRAMUTEQ, utilizando-se o método da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que possibilitou a identificação e organização de campos semânticos comuns nas falas dos participantes.

Resultados e Discussão

A análise lexical revelou cinco classes temáticas principais: (1) Educação em saúde trans durante a graduação, que evidencia lacunas na formação profissional acerca das especificidades da população trans; (2) Desafios sociais associados à incongruência de gênero, abordando as barreiras cotidianas enfrentadas por mulheres trans,

desde a violência simbólica até a exclusão institucional; (3) Suporte social e saúde mental de mulheres trans, que discute os impactos emocionais da marginalização e da ausência de redes de apoio; (4) Acompanhamento em saúde à população trans, que aponta a dificuldade de acesso a um cuidado integral e contínuo, devido à escassez de preparo e acolhimento por parte dos profissionais; e (5) Representações sobre o acolhimento na saúde, que revelam percepções ambíguas, marcadas tanto por estigmas quanto por sentimentos de empatia e desejo de transformação.

Conclusão

O preconceito, o estigma e a falta de preparo técnico e humano dos graduandos representam barreiras significativas ao acolhimento efetivo e à garantia de cuidado integral às mulheres trans. Tais fatores contribuem para a intensificação das repercussões emocionais negativas decorrentes da exclusão e da desassistência em saúde. Diante disso, torna-se evidente a urgência de inserir a temática trans na formação dos profissionais da saúde, de modo a promover uma prática mais sensível, ética e comprom

Agência de Fomento

CNPq-Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Referências

1. Brasil. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal; 1988.

2. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Sistema Único de Saúde (SUS): princípios e conquistas. Brasília: Ministério da Saúde; 2000.

3. Paim J. O que é o SUS. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz; 2009.

4. Mott L. O imprescindível GGB, Grupo Gay da Bahia. In: Green JN, Quinalja R, Caetano M, Fernandes M, organizadores. História do movimento LGBT no Brasil. São Paulo: Alameda; 2018.

5. Moscovici, S. Representações sociais: investigações em psicologia social. 5ª ed. Petrópolis: Vozes; 2007.

6. Sudré L. Transexualidade deixa de ser considerada doença, mas ainda é patologizada. Brasil de Fato [Internet]. 2019 [citado 2025 abr 29]. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2019/06/03/transexualidade-deixa-de-ser-considerada-doenca-mas-ainda-e-patologizada